



CORREIO BRAZILIENSE

“Um homem que faz isso com a própria filha não pode ser pai”

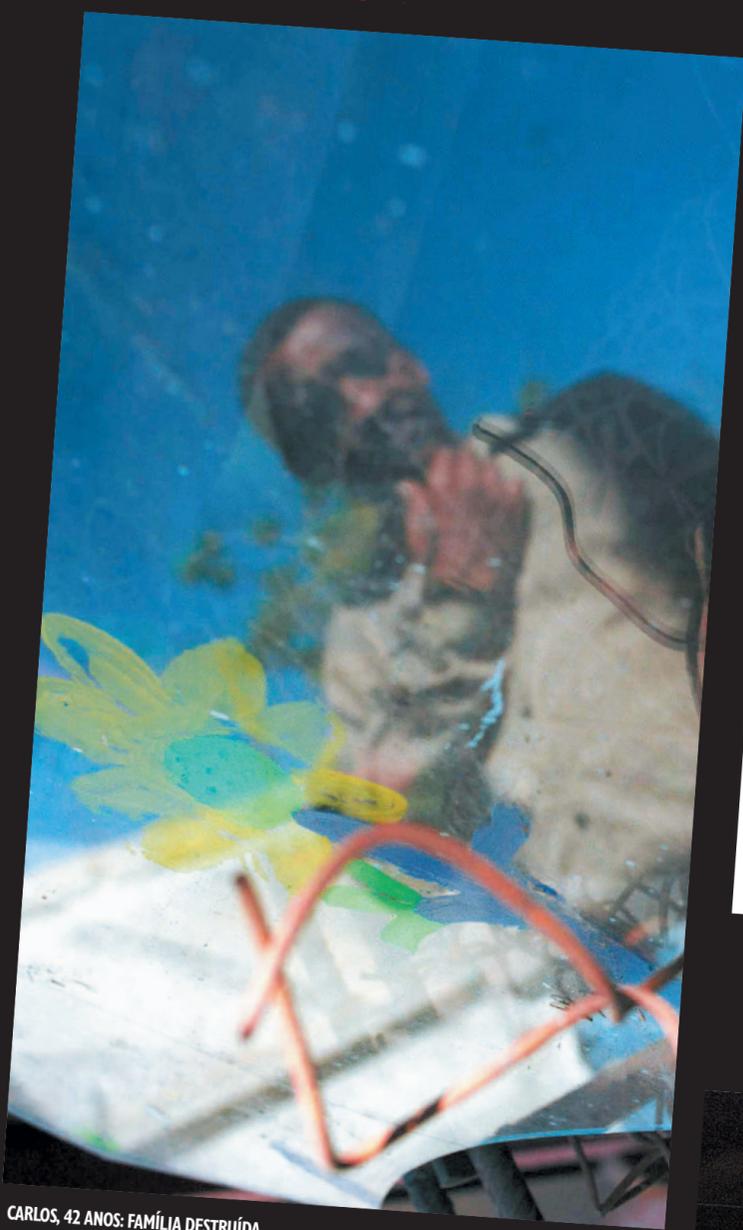
A minha mãe era doméstica. Me criou na casa dos outros. Fui assediado por dois caras de vinte anos. Não me lembro. Só sei que nasci em Porto Alegre e não conheci meu pai. Quando tinha 9 anos, minha mãe faleceu de aborto. Comecei a trabalhar de engraxate, vigia. Com 26 anos eu me ajuntei. Encontrei na minha esposa o carinho de pai e mãe. A nossa filha nasceu dois anos depois. Na época eu já bebia muito. Partii para um relacionamento com a minha filha. Ela tinha uns seis anos. A

bebida me dava aquela coragem. Não pensava. Ia fazendo. Acontecia quando minha esposa não estava. Colocava a menina no colo, conversava, fazia um carinho e passava a mão em tudo. Ela chorava e dizia: pára, pai. Mas ninguém ouvia. Era no quarto, na sala. Foi até os 12 anos dela. Mas nunca penetrei. Era uma menina carinhosa. Posso ter me confundido. Mas nunca fui violento. Um dia ela resolveu contar pra mãe, que me deixou sozinho. Fiquei com raiva da minha filha. Achava que era obrigação dela. Veja como é a cabeça de um louco. Só me dei conta quando senti falta da minha esposa. As pessoas me olham diferente. Não fico chateado. Eu mesmo penso que sou monstro. Mas a terapeuta tem me ajudado. Fico longe da minha filha quando bebo e não enxergo a menina com olhar de desejo. Vejo como se fosse filha mesmo. Não tenho medo de ser preso. Só quero melhorar. Continuo bebendo muito.

Mas com a minha filha acabou. Pra mim é uma marca. Pra ela vai ser pior. No futuro, sempre vai desconfiar do marido. Mas não posso pensar nisso. Preciso ocupar a cabeça, arrumar emprego. Eu peço a Deus para conseguir superar. Em casa, não consigo ter relação íntima com a minha mulher. A gente começa e vem na cabeça o passado. Olha, para destruir uma família, é questão de dez minutos. Para construir, a gente leva uma vida. Às vezes morre sem conseguir. Não sei por que aconteceu. Se estava louco, bêbado. Eu mesmo não posso avaliar. Mas um homem que faz isso com a própria filha não pode ser pai.

CARLOS, 42 ANOS, MORA EM PORTO ALEGRE E ESTÁ DESEMPREGADO. VIVE COM A ESPOSA E A FILHA DE 14 ANOS. A MÃE, APESAR DE TER DENUNCIADO O COMPANHEIRO PARA GARANTIR A SEGURANÇA DA FILHA, ESPERA QUE ELE NÃO SEJA PRESO

Violência nem sempre admitida



CARLOS, 42 ANOS: FAMÍLIA DESTRUÍDA

EM FAMÍLIA

- Em **60%** dos casos, a violência sexual é cometida por alguém da família
- **23%** das vezes é o pai,
- **14%** é o padrasto,
- **6%** o tio,
- **5%** a mãe,
- **3%** o irmão mais velho

Fonte: Abrapia

Uns, de tão acostumados com a violência, agredem, batem, estupram e destratam a criança sem perceber que aquilo é errado. Outros, de tão apaixonados por menores, conquistam a sociedade, tornam-se cidadãos acima de qualquer suspeita, mas violam os pequenos do mesmo jeito. O autor de um abuso é, necessariamente, um agressor. Mas raramente admite ter algum problema.

Em investigação para tese de doutorado, a assistente social Catarina Maria Schmicler, da Universidade Federal de Santa Catarina, entrevistou três agressores, todos julgados e presos pela violência que cometeram. Nenhum assume o erro. “Eles são cidadãos respeitados, pais abnegados, que gastam muita energia mantendo uma aura de insuspeição sobre eles”, analisa Catarina. Mesmo diante das evidências de um exame de corpo de delito, eles negam a violência.

Eles jogam a responsabilidade na mulher e no irresistível ‘jogo de sedução’ da filha. “O abusador, por não assumir seu delito, pode repetir a agressão outras vezes”, avalia Vicente Faleiros, pesquisador do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria).

O abusador raramente é visto como um homem violento com a criança. Ele manipula, seduz e brinca com prazeres do menor. Ele joga com intenção de fazer da vítima a culpada. Se ela

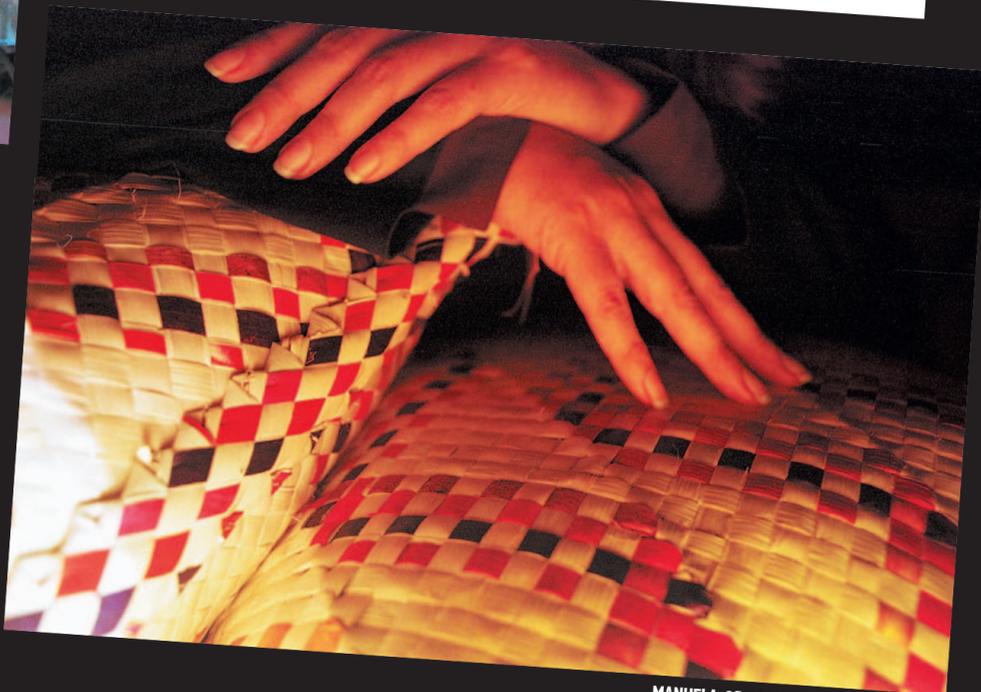
não deixar, a mãe pode sofrer, apanhar, machucar-se.

Quem abusa, o faz por costume. Aprendeu durante a infância que criança não tem voz. Um agressor pode repetir violência que sofreu quando abusador à realidade de um passado sofrido. Nem sempre quem viola é vítima de violência.

Há os que desenvolvem o desejo por crianças sem necessariamente ter passado por tais “lições”. São os conhecidos pedófilos, pessoas que têm desejos pelos pequenos, julgam-se normais, defendem a pedofilia como opção sexual, como direito que têm.

Os sinais de um pedófilo não são facilmente reconhecíveis. “Ele costuma gostar de ambientes onde há crianças, como parques, escolas, creches”, explica Lauro Monteiro Filho, secretário-executivo da Abrapia, Organização Não-Governamental (ONG) que, por 15 anos, manteve um serviço de denúncia de violência sexual. Antes de colocar pais e mães neuróticos, um cuidado: gostar de crianças é mérito, não motivo de julgamento. É preciso somar outros sinais para reconhecer um pedófilo.

É certo que há, naquele homem (quase sempre o abusador é do sexo masculino) ou naquela mulher, um comportamento de desrespeito à vontade da criança. Para ele, ou ela, o menor é um ser que deve respeitar os desejos e ordens dos mais velhos. Eles não aceitam a dignidade dos mais jovens.



MANUELA, 35: ABUSADA DOS 6 AOS 11 ANOS

“Quando eu tinha 7 anos, tive uma doença venérea grave na boca”

Nasci em Fortaleza. Minha mãe ficou viúva aos 21, com quatro filhos. A gente se mudou para uma cidade industrial e ela se envolvia com motoristas de táxi, de ônibus, trocador. Como ela trabalhava e estudava, deixava as crianças sob os cuidados deles. Alguns abusaram de mim e da minha irmã. Nem todos fizeram sexo. Uns dois fizeram sexo, sem penetração. Pediam para a gente chupar o pinto deles. Alguns eram da família. Minha avó era casada com um homem mais novo e ele abusou de minhas tias, enteadas dele, de mim e da minha irmã. Uma das minhas tias reagiu a isso e minha avó a tratava como se

ela tivesse visões. Eu nunca contei para a minha mãe. Era tabu na minha família até por causa da minha tia, que era chamada de visionária e mentirosa. E, no caso da minha mãe, tinha também um componente de violência horrível, porque ela era muitas vezes agredida. Eu me considerava mais violentada tendo que separar dois adultos brigando do que ser obrigada a chupar um homem. Esse abuso durou dos 6 até os 11, quando eu vim morar em Brasília. Não quis denunciar porque já era sujeira debaixo do tapete. Depois de muita terapia, eu descobri que existia um prazer envolvido. Mas, a gente sabia que tinha uma coisa muito errada porque os caras falavam: ‘Se você falar isso, eu vou machucar sua mãe, a sua irmã’. Sempre tinha uma ameaça. Com 7 anos, tive uma doença venérea grave na boca. Eu não conseguia comer, apareceu uma úlcera na minha garganta. Foi nessa época que a minha tia viu que havia alguma coisa errada. Anos depois, ela me trouxe para morar com ela

aqui em Brasília. Eu me sentia suja, tinha uma auto-estima muito baixa. Eu me identificava muito com a minha avó, por nunca ter denunciado. Era tão culpada, prostituta, indigna quanto ela. Até hoje eu me sinto assim. Mas nunca agi como uma coitadinha para o mundo. Construí uma imagem de mulher forte. Para mim, até hoje, só existem dois tipos de homem. Ou o homem abusa ou abandona. Aos 31 anos, resolvi ser mãe solteira. Tive uma filha e prometi que daria uma nova referência para uma criança. Só que ela morreu, afogada na piscina da minha casa. Essa construção toda que eu tinha feito, de que a protegeria desse mundo de perversão, morreu. E agora eu estou tentando remendar os pedaços dessa morte. Meu grande tratamento é o de dizer que eu sou uma pessoa digna de amor. Essas marcas eu não posso apagar.

MANUELA, 35 ANOS, MORA EM BRASÍLIA. É APAIXONADA POR GASTRONOMIA

